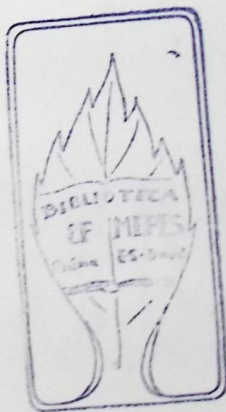




HISTÓRIA: ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA

ALFREDO CHAVES - ES



Estagiário Dimas Sasso Ginto

CF-MEPES - 1984

HISTÓRIA

da EFA de

ALFREDO CHAVES

Dimas Sasso Christo

Escola da Família Agrícola de A. Chaves

04/12/84

MOTIVOS DA ESCOLHA DA REGIÃO

Um dos motivos da escolha para a implantação da Escola na região de Alfredo Chaves, foi porque o Pe. Humberto Pietschgrando ainda antes de ser vigário, fazia alguns trabalhos nas comunidades da região. Na área onde estava atuando encontrou famílias agrícolas, que eram semelhantes às da região do Veneto (na Itália). Decidiu então, junto com um grupo de pessoas, a implantação de uma ação educativa, o que mais tarde veio a ser uma Escola Família.

Um outro motivo foi também por parte do Pe. Humberto, que pagando pelas comunidades dos municípios de: Alfredo Chaves, Anchieta, Isonha e outros, vendo propriedades quase abandonadas, e o povo dizendo que a terra não produzia quase nada; sabendo também que, muitas famílias já haviam migrado para o norte do Estado e outras para as cidades, por falta de apoio das autoridades, falta de conhecimentos técnicos, falta de comercialização, etc. Pe. Humberto notou também a situação da juventude agrícola capixaba que vivia no interior abandonada com condições para crescer, humana e tecnicamente; um maravilhoso potencial humano que não estava sendo aproveitado. Foi analisando estas circunstâncias que Pe. Humberto comparou a realidade da região de onde ele veio (da Itália) e a região de Alfredo Chaves e alguns municípios circunvizinhos. A partir do conhecimento sobre as Escolas Famílias da Itália e de outros países, pensou em fundar uma Escola Família. Entrou em contato com algumas famílias, autoridades e recebendo apoio, procurou logo colocar em prática as suas idéias.

O motivo da implantação da Escola Família na propriedade onde está construída foi devido a doação do terreno pela Mitra Arquidiocesana. O terreno destinado destinado para o Seminário Menor, foi conseguido através do vigário da época, Pe. Luiz Gonzaga Macia (+) para o NEPEB.

O TERRENO

A terra antes de ser adquirida (comprada) pela Mitra Arquidiocesana pertencia aos seguintes proprietários: Darcy de Paula Gaiher, Ricardo Giuri e Eugênio Botachia.

A Mitra Arquidiocesana comprou o terreno em 1961-62. Segundo um dos proprietários, foi feita uma espécie de proeza para que a terra fosse vendida.

Houve uma reunião na casa do prefeito com a participação de padres e o bispo, onde foram convidados os proprietários do terreno. Foi feita a proposta de compra e então as autoridades religiosas disseram que se eles não vendessem o terreno iriam ficar com remorso, pois dentro da propriedade poderia nascer uma escola para servir o povo. O prefeito disse também que poderia haver uma desapropriação de suas terras.

• O terreno foi adquirido p/ construir um Seminário Menor

TRABALHO REALIZADO ANTES DO INÍCIO DAS CONSTRUÇÕES

Um dos grandes trabalhos realizados antes do início das construções, foi a ida para a Itália de alguns jovens capixabas, incluindo rapazes e moças com bolsas de estudo, a fim de realizarem estudos.

Estes jovens foram para a Itália no ano de 1966 e passaram lá um período de dois anos. O objetivo do ESTUDO dos jovens na Itália foi o conhecimento da metodologia das Escolas Famílias e Cooperativas Italianas.

Jovens que foram estudar na Itália: Ednys A. Oriandi, Luiz Mill, João B. Bortolotti, Dirceu Marchiori, Célia de Oliveira Martins Cesar A. Longhi, Inálio Pampermyer. No ano de 1968 foram outros: Cleber Silveira Pinto, Áurea de Oliveira Martins e Maria Mascen.

Dentre os jovens que foram estudar na Itália, um faleceu lá, mas seu corpo foi trazido para Rio Novo do Sul, pois sua família era daqui.

Antes dos jovens irem para a Itália, eles receberam uma pequena preparação sobre o conhecimento da Língua Italiana. Esta preparação foi realizada ^{em} no ~~capo~~ de Rio Novo do Sul.

Após o período de estudo destes jovens na Itália, eles voltaram e foram os primeiros monitores das Escolas Famílias. Com os jovens brasileiros vieram também alguns italianos: Umberto Noventa, Mário Zuliani e Sérgio Zamberlan; que ajudaram a levar adiante os trabalhos das Escolas Famílias.

Boerão

Todos os jovens que foram realizar o estágio na Itália pertenciam aos municípios de: Iconha, Alfredo Chaves, Anchieta, e Rio Novo do Sul.

Antes do início dos trabalhos de construção da Escola, os padres Jesuítas que coordenavam os municípios acima citados, começaram a preparar os jovens e as comunidades para se conscientizarem da importância do estudo nas Escolas Famílias que estavam para serem implantadas no meio rural.

Além destes trabalhos foram feitas várias campanhas com a finalidade de arrecadar fundos para construir os prédios. Havia vários tipos de campanhas, como: Campanha do ovo, do bazarro, do frango, bailes, festas no interior, ajudas de igrejas do interior, bingo tudo com o objetivo de arrecadar dinheiro para a construção e início das atividades.

Estas campanhas eram feitas por lideranças que estavam mais engajadas com o movimento de implantação da Escola. Esses líderes representavam a paróquia local, sindicatos e estrutura política.]

TRABALHOS DE CONSTRUÇÃO

O serviço de terraplanagem para a construção foi feito a maior parte a braço e uma pequena parte com máquina.

O local escolhido para a construção dos prédios, foi devido uma sondagem feita no área, pois era um lugar mais seco, cômodo, e também viu-se a possibilidade de aproveitamento de uma nascente d'água existente na época, um pouco acima da Escola e que poderia abastecer a escola.

Para a aquisição do material de construção, os recursos financeiros foram adquiridos através de campanhas locais, uma parte vindo da prefeitura e outra vindo da Itália. Alguns materiais como tijolos e madeiras, foram conseguidos através do Sr. Luiz Gonzaga (+) que tinha muita amizade com o povo. Este material as vezes era conseguido por um preço mais baixo ou até doado.

Das recursos humanos utilizados para a construção, alguns dias foram conseguidos gratuitamente por voluntários como carpinteiros e também por pessoas que ajudavam principalmente na parte de ser-

vontes do pedreiro. A maior parte desta ajuda prestada como serviço era do pessoal do interior, pois já se analisava que a Escola seria para filhas de agricultores. Apesar das dificuldades e pouca proteção uma grande colaboração na que se referia aos trabalhos da Escola.

Na época da construção havia muita dificuldade de adquirir material, dificuldade financeira, mão-de-obra, transporte do material, etc.

A base física da agropecuária, através do Sr. José Cerpa, ajudava no transporte do material. Às vezes o material era transportado através de carroça.

Quem coordenava as obras era o Sr. Moacir Saudini(+), que também participava da presidência da Igreja.

Po. Luiz promoveu uma reunião, da qual participaram os senhores: Moacir Saudini, que ficou como presidente dos trabalhos de construção, Anselmo Charbel, que ficou como tesoureiro e Brasili- to Pilon, como secretário. Estes representantes foram escolhidos por Po. Luiz, pois eram de grande confiança dele.

Quem participava diretamente na construção era Eugênio Bottechia, Pedro Langa e Orlando Intra (pedreiros), Sizo Sartori (tece- dor de conta da propriedade).

Foi dado para se concluir as obras um prazo de cento e cin- quenta dias, mas devido a bom andamento foi concluído em apenas cen- to e dez dias. Os prédios foram construídos no ano de 1968, mais tag foi acrescentado o banheiro masculino e a cozinha.

INÍCIO DAS ATIVIDADES EDUCATIVAS FORMAIS

Em janeiro de 1969 houve um encontro de monitores do NEPER em Alfredo Chaves. Este encontro foi feito com a finalidade de progrog- nar as atividades educativas para Alfredo Chaves e Olivânia para o ano de 1969. As atividades educativas formais iniciaram em março de 1969, alguns dias após a inauguração da Escola.

AULAS

No início das atividades educativas formais, fazia-se um planejamento anual, onde havia uma cartolina com todas as matérias a serem dadas e com a programação de cada sessão. As matérias eram administradas relacionando-se com o Plano de Estudo. Também no início das atividades havia viagens de estudo e visitas técnicas. Estas atividades eram programadas de acordo com o plano de estudo.

Para a organização do material dos alunos, cada um tinha uma pasta individual de cada matéria. Estas pastas eram organizadas pelo monitor responsável da área.

Em cada matéria a ser dada, o monitor preparava uma ficha individual para cada aluno. Nesta ficha de aula constava um resumo do assunto e os objetivos que o monitor queria alcançar.

As aulas tinham início às 9 horas na segunda-feira e terminava às 12 horas do sábado. No final de semana entre a quinzena que os alunos estudavam, uma pequena parte ia para casa, a maioria entretanto, ficava na escola.

Os trabalhos práticos eram realizados duas vezes por semana, sendo que trabalhava-se duas horas por dia.

Os serões iniciavam-se às 19:30 horas e estendiam-se até as 21 horas. Nos serões eram dadas aulas, reflexões, assuntos da atualidade, etc. Às vezes algumas pessoas da comunidade vinham dar algumas palestras relacionadas ao Plano de Estudo.

O conteúdo ministrado nas aulas em cada disciplina era mais ou menos relacionado com as disciplinas atuais, como por exemplo: Português, Matemática, História, Geografia, Engenharia rural, Administração, Pecuária, Botânica, Zoologia, Plano de Estudo. Na medida do possível, sendo adaptado este conteúdo à realidade do educando.

RECRUTAMENTO

O recrutamento era feito nas famílias, nas capelas, nas festas das comunidades e mandava-se cartas para as pessoas, explicando a importância do estudo na Escola Família.

Todos os monitores participavam no recrutamento. Os padres e os líderes comunitários também ajudavam no recrutamento dos alunos.

PRIMEIRA TURMA

A primeira turma iniciou o curso em fevereiro de 1969, com vinte e seis alunos. Os alunos pertenciam à diferentes comunidades, dos municípios de Iconha, Alfredo Chaves, Rio Novo do Sul e Anchieta.

A maioria dos alunos da primeira turma pertenciam ao município de Alfredo Chaves, num total de doze alunos. A outra parte dos alunos eram dos outros municípios, sendo que em segundo lugar ficou o município de Iconha, em terceiro, Rio Novo do Sul e em último o município de Anchieta.

As primeiras turmas só faziam o curso com a duração de dois anos, recebendo apenas o certificado de Agricultor Técnico, não podendo ingressar em outra escola de 2º grau somente com o curso feito na Escola Família.

<u>NOME</u>	<u>COMUNIDADE</u>	<u>MUNICÍPIO</u>
1. Ademir Garbelotto	Carolina	Alfredo Chaves
2. Ademir Lovatti	Pedra Lisa Alta	Icoмба
3. Agenor Salvador	Icoмба (sede)	Icoмба
4. Almor Brunoro	São Marcos	Alfredo Chaves
5. Anacleto Lovatti	Pedra Lisa Alta	Icoмба
6. Antônio Carlos De Medad	São F. de Batalal	Alfredo Chaves
7. Antônio Idelfonso Wailer	São Vicente	Rio Novo do Sul
8. Antônio Kioolan	Inhaúma	Icoмба
9. Aroldo Bernardes	Inhaúma	Icoмба
10. Delofeio José de Polo	Inhaúma	Icoмба
11. Devaldir dos Passos	Serra das Erugas	Anchieta
12. Duarte Macchia	Cachoeirinha	Rio Novo do Sul
13. Egídio Planzoll	São D. de Urânia	Alfredo Chaves
14. Henrique Castellarri	São Vicente	Rio Novo do Sul
15. Higino Gabriel Fardin	São D. de Urânia	Alfredo Chaves
16. Jadir Antônio Canal	Carolina	Alfredo Chaves
17. Joaquina Venturini	São Sebastião	Alfredo Chaves
18. José Antônio Orlandi	São Sebastião	Alfredo Chaves
19. José Braz Bertolotti	São Vicente	Rio Novo do Sul
20. José Maria Vanelli	IV Território	Alfredo Chaves
21. José Wilson Ferreira	São Mateus	Anchieta
22. Idrio Garbelotto	Carolina	Alfredo Chaves
23. Iuliz Sebastião Wolfram	São Mateus	Anchieta

Continuação

24. Mauro José Novetta
25. Victorino Rigotti
26. Wilson Tavares

Pedra Lisa Alta
IV Território
Recreio

Iconha
Afredo Chaves
Afredo Chaves

A PROPRIEDADE NO INÍCIO

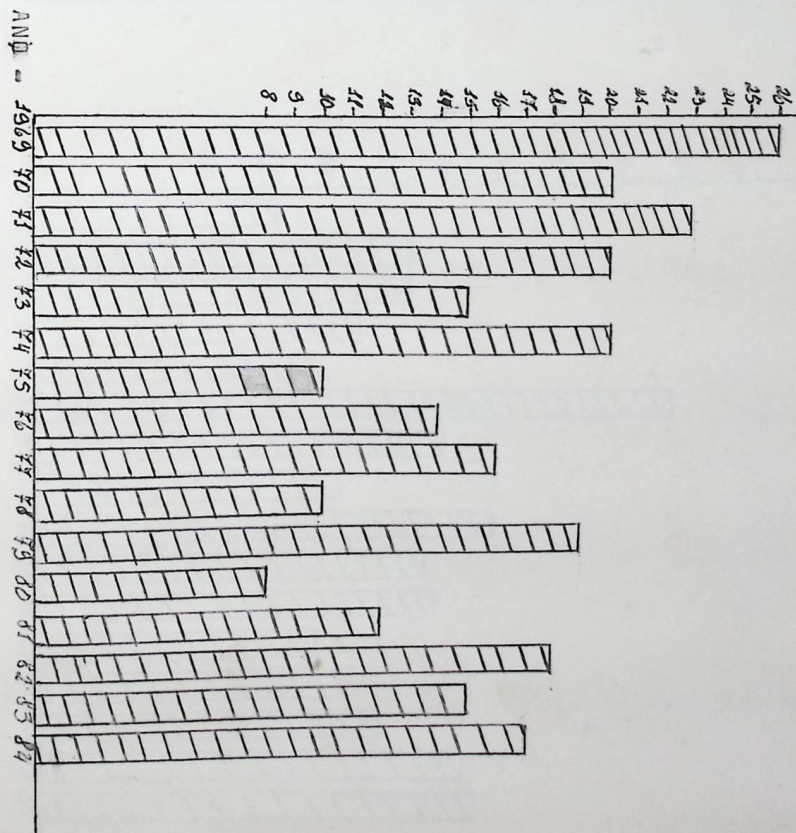
No início a propriedade só era cultivada as partes baixas, com cereais e uma pequena parte com horticultura. O cultivo desta área era feito por pessoas da comunidade e da Escola. Nas partes altas da propriedade havia uma espécie de capoeira. Só a partir de 1970-71 é que se iniciou o plantio da bananicultura em algumas partes do terreno.

O primeiro plantio da bananicultura foi em um trecho da baixada. Neste plantio houve a participação da EMATER e da equipe da Escola, Teve a finalidade de ser uma experiência com a cultura. As mudas foram obtidas por pedaços de rizomas. - 1972 - 400 pés

O DESENVOLVIMENTO DA EFPAAC

GRÁFICO - I

Número de alunos do primeiro ano desde 1969 até 1984.



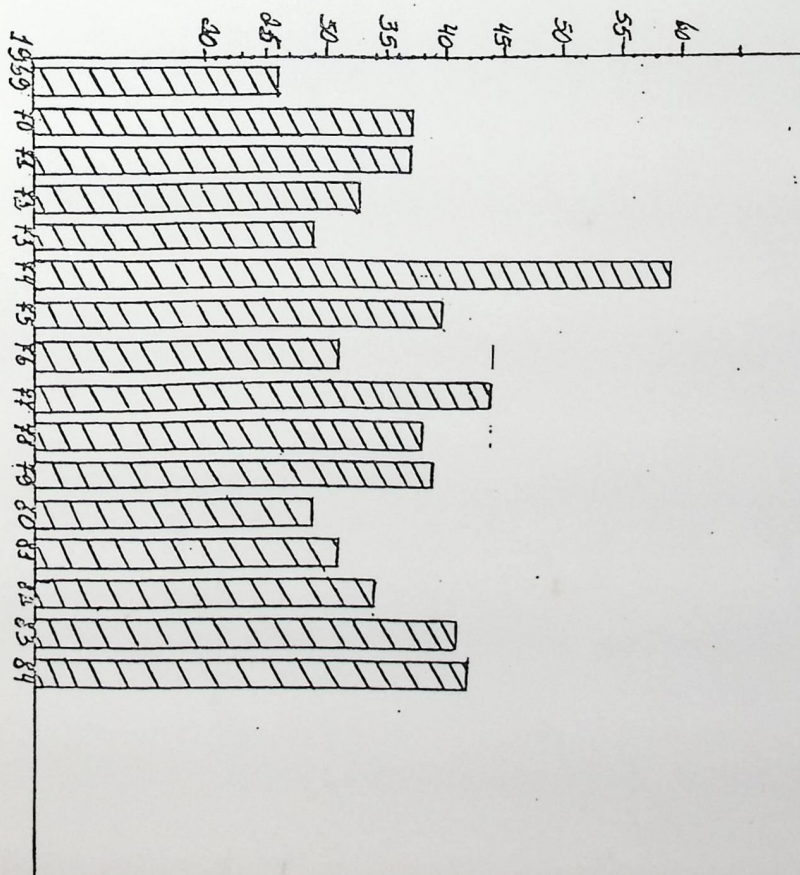
Analisando o gráfico, dá para notar que nos primeiros cinco anos, o número de alunos era maior, porque a Escola era uma novidade — uma escola para formar agricultores. Porém, quando estas primeiras turmas terminaram o curso e os jovens permaneceram na agricultura, os agricultores acharam que a escola não era boa, pois não dava emprego. Esta era a expressão muito usada. "Se meu filho estuda e não arruma emprego, não adianta estudar."

Sendo que os agricultores não estavam entendendo os objetivos da Escola Família, faltou por parte dos monitores um trabalho de conscientização nas comunidades.

A abertura de ginásios no interior e a pouca participação dos monitores nas comunidades, também contribuiu para haver uma diminuição no número de alunos na escola.

GRÁFICO - II

Número de total de alunos desde 1969 até 1984.



PAIS

Durante o desenvolvimento da EFA, havia pouca participação dos pais em assembleias. Mas havia visitas de alguns pais à EFA para saber do andamento dos filhos, pagamento de sessões, etc.

A pouca participação dos pais, era devida a desconfiança na escola, pois alguns não conheciam a finalidade de mesma.

EQUIPES

Durante o desenvolvimento da EFA, havia na equipe muitas mudanças, devido a entrada e saída de monitores. A maioria dos monitores saiam do movimento em procura de melhores condições econômicas, alguns faziam concurso e iam trabalhar para o Estado, outros por conta própria.

EQUIPES QUE PASSARAM PELA EFMAQ

<u>ANO</u>	<u>NOME</u>	<u>GRAU DE INSTRUÇÃO</u>	<u>PAPEL</u>	<u>SETO</u>	<u>PERÍODO</u>
<u>1969</u>	Cleber Silveira Pinto	Agrônomo	Coordenador		Março
	João Borjolotti	Técnico agrícola	Monitor		Março
	Dnys A. Orlandi	Científico e 2 anos na Itália	Monitor		Março
	Dnreu Marchiori	Contador e 2 anos na Itália	Monitor		Março
	Beti Carneiro	1º grau incompleto	cozinheira		Março
<u>1970</u>	Cleber Silveira Pinto	Agrônomo	Coordenador		
	Dnys Antônio Orlandi		Monitor		
	Dnreu Marchiori		Monitor		
	Dimitson Carneiro	Curso científico	Monitor		Fevereiro
	Valmir de Araújo	Técnico agrícola	Monitor estagiário		Fevereiro
	Siro Sartori	1º grau incompleto	Fornecedor de conta da propriedade		Fevereiro
<u>1971</u>	Isidoro Pedro Sartório	1º grau incompleto	Fornecedor de conta da propriedade		Fevereiro
	Ivane Iáris Gonçalves	Técnico agrícola e CF curto	Monitor		Fevereiro
	Dnys A. Orlandi		Monitor		
	Valmir de Araújo		Monitor		
	Diogo de A. Correia	CF curto	Monitor		Outubro
	Fônico A. CF curto		Monitor		

<u>ANO</u>	<u>NOME</u>	<u>GRAU DE INSTRUÇÃO</u>	<u>PAPEL</u>	<u>ENTRADA</u>	<u>SAIU</u>
<u>1972</u>	Isidoro Pedro Sartari	1º grau incompleto	Tomador de conta da propriedade		

	Ivane Inis Gonçalves	Técnico agrícola	Coordenador		abril
	Ednys A. Orlandi		Monitor		
	Tiago de Almeida C.	Técnico agrícola	Monitor		
	Cleber Inácio Gernara	Técnico Agrícola F CF curso	Monitor		Março
	Marta Regina M. Silva	Socióloga	Monitora		Abril
	Moisés Palacro	Técnico Agrícola	Monitor		Julho

<u>1973</u>					
	Ivane Inis Gonçalves	Técnico agrícola	Coordenador		Agosto
	Regina Maria Florini	Magistério	Monitora		
	Isidoro Pedro Sartari		Tomador de conta		Março
	Ermete Ronchi	Economista	Monitor		
	Antônio Braz Zimmer	Técnico Agrícola	Monitor		Agosto
	Helena Rigotti	Curso EBA 1º Grau	Cozinheira		
	José Antônio Mariani	Agricultor Técnico	Tomador de conta da propriedade		Setembro

<u>1974</u>					
	Mário Zullane	Peritro Agrário	Coordenador		
	Maria da G. W. Volponi	Magistério e CF	Monitora estagiária		
	Cleusa Maria Corrêa	Magistério e CF	Monitora estagiária		
	José Cássio Carmignati	Técnico agrícola e CF	Monitor estagiário		
	José Leonir Taques	1º grau e CF	Monitor estagiário		

H
 Helena Rigotti Curso EFA 1ª grau Cozinheira
 José Antônio Mariane Agricultor Técnico Fornecedor de conta

1975
 Cleber Inácio Carrara Técnico ^a Grícola Coordenador
 Mário Zullane Perito agrário Monitor
 Maria da G. M. Volponi Magistério e CP Monitora
 José F. Tenziner Técnico agrícola e CP Monitor
 Devaldir dos Passos EFA 1ª grau e CP Monitor
 Helena Rigotti Curso EFA 1ª grau Cozinheira
 Geraldo Parcella 1ª Grau Incompleto Tomador e. propriedade

1976
 Devaldir dos Passos EFA e CP Coordenador
 Maria da G. V. Masc. Magistério Monitora
 Mª Merio Tonon Magistério e tec. italiana Monitora
 Lourdes Mª Zaguardi Magistério e CP Monitora estagiária
 Helena Rigotti Curso EFA 1ª grau Cozinheira
 Geraldo Parcella 1ª grau incompleto Tomador de e. propriedade
 Enzo Tonon Agrônomo e Monitor

1977
 Lourdes Mª Zaguardi Magistério e CP Coordenadora
 Mª G. V. Redamento Magistério e CP Monitora
 Maria Merio Tonon Magistério e Tec. Italiana Monitora
 Enzo Pasquale Tonon Técnico agrícola e CP Monitor
 Adilson Rodrigues G. Técnico agrícola e CP Monitor
 Geraldo

Geraldo Parteli 1º grau incompleto Tomador de c. Propriedade
 Moura Nascimento 1º grau incompleto Cozinha

1978

Lourdes Mª Paganini Magistério e CF Coordenadora
 Mª G. V. Nascimento Magistério e CF Monitora
 Clóvis Ramos Nunes Técnico agrícola e CF Monitor
 Arturildo Alpefeler Técnico agrícola e CF Monitor
 Geraldo Parteli 1º grau incompleto Tomador de c. propriedade
 Zilca dos S. B. Silva 1º grau incompleto Cozinha

1979

Lourdes Mª Paganini Magistéri e CF Coordenadora
 Mª G. V. Nascimento Magistério e CF Monitora
 Arturildo alpefeler Técnico agrícola Monitor
 José G. W. Volponte Téc. em contabilidade Monitor estagiário
 Geraldo Parteli 1º grau incompleto Tomador de c. Propriedade
 Zilca S. B. da Silva 1º grau incompleto Cozinha

1980

Lourdes Mª Paganini Magistério e CF Coordenadora
 Riny A. Oriendi Científico e 2 anos Itália Monitor
 Clóvis Ramos Nunes Técnico agrícola e CF Monitor
 Mª de F. P. Moreschi Magistério e CF Monitora
 Mª da G. V. Nascimento Magistério e CF Monitora
 Arturildo Alpefeler Técnico agrícola Monitor

Junho
 agosto

№ da P. P. dos Santos 1º grau Incompleto Cozinhaeira
Virgílio Caldomo 1º grau Incompleto Tomador de C. propriedade Julho

1981

Lourdes Nº Pagalini Magistério e CF Coordenadora
№ de F. P. Moreschi Magistério e CF Monitora
Miguel Sartori Técnico agrícola e CF Monitor
Rilda Maria Magistério e CF Monitora estagiária
Clóvis Ramos Nunes Técnico agrícola e CF Monitor
№ da P. P. dos Santos 1º grau Incompleto Cozinhaeira
Obs: Bento Tarcsio Carnelli e Maria Antonio Oriandi e sua Rilda. Julho

1982

Lourdes Nº Pagalini Magistério e CF Monitora
Miguel Sartori Técnico agrícola e CF Coordenador
Maria de F. Moreschi Magistério GCM Monitora
Tarcsio Carnelli Técnico agrícola e CF Monitor
Rosa Nº W. Volpomi Magistério e CF Monitora
№ da P. P. dos Santos Cozinhaeira
Virgílio Caldomo 1º grau Incompleto Tomador de c. Propriedade Abril

1983

Lourdes Nº Pagalini Magistério e CF Coordenadora
Miguel Sartori Técnico agrícola e CF Monitor
José G. W. Volpomi Téc. em contabilidade e CF Monitor
Lucínia Parbelli Magistério e CF Monitora

Nazareth Bernabé

1ª Gran completo

Cozinheira

1984

Incínta Partelli

Magistério e CF

Ooordenadora

Lourdes Mª Paganini

Magistério e CF

Monitora

José G. M. Volponi

Técnico em contabilidade

Monitor

Ílmas Sasso Christó

Técnico agrícola e CF

Monitor estagiário

Nazareth Bernabé

1ª Gran completo

Cozinheira

Miguel Scarton

Técnico agrícola e CF

Monitor

Abril

OBS: Onde não foi colocado a entrada e saída dos operadores, é porque eles entravam no início do ano para começar as atividades, e saíam no final do ano, quando terminava as atividades.

ATIVIDADES COMUNITÁRIAS

Existia muitos trabalhos comunitários, relacionados mais na parte técnica e saúde, como: Sananicultura, pecuária e prevenção de doenças humanas. Estes cursos eram realizados na Escola com os agricultores.

Para a realização destes cursos, a EMATER, tinha um bom engajamento com a equipe da Escola, e então eram ministrados pelas duas equipes juntas. Fora da escola não era ministrado nenhuma espécie de curso.

PROBLEMAS E DIFICULDADES

Havia grande dificuldade de desbravamento e formação de lavouras, devido a capoeira existente e também dificuldade financeira para desenvolver certos trabalhos na propriedade. Existia também alguns problemas disciplinares com os alunos.

A EFA HOJE

ATIVIDADES EDUCATIVAS

Tomos em mãos um currículo no qual seguimos de acordo com o Plano de Estudo desenvolvido pelos alunos no período de alternância. Quanto às aulas, são desenvolvidas conforme a realidade dos alunos (a través do PE). A quantidade de hora/aula é de acordo com a necessidade do assunto a ser desenvolvido durante a sessão. Além das aulas dadas pelos monitores, são convidadas pessoas da comunidade local para darem palestras relacionadas ao assunto que está sendo abordado.

Em todas as sessões há um dia de serão livre, no qual os alunos podem dar um passeio na rua ou então ficar na escola, não havendo nenhuma atividade programada. Quanto aos demais dias da semana, o serão tem início com o jornal das sete, em seguida é assistido o jornal nacional e depois em alguns serões debate-se o assunto do jornal. Nos outros dias, além de assistir o jornal, são comentados outros assuntos

suntos da atualidade, palestras de pessoas da comunidade local, serões alegres, etc.

Na propriedade da EFA, são desenvolvidas atividades nas quais são feitas demonstrações práticas, experiências, etc.

ATIVIDADES COMUNITÁRIAS

Ultimamente são feitos muitos trabalhos comunitários, relacionados mais na parte de trabalhos manuais para as mulheres, como: bordado, corte e costura biscoiteiro, saponificador, confecção de calçados, confecção de bonecas, pintura em tecido, etc.

Para a realização destes cursos, temos um convênio com a LDA e o Mobral, sendo que a LDA cede o material e o Mobral paga o instrutor. Para o próximo ano nós não pretendemos trabalhar juntos com o Mobral, por motivo de não satisfazer a manutenção do instrutor, fiscalização sem consultar a equipe e muita burocracia. Além desses trabalhos comunitários são feitas outras, como: catequese, reuniões com agricultores para debaterem o problema da bananicultura no município, horta comunitária, viveiro de café comunitário, participação na organização da Feira distrital, participação como membro do congresso geral do povo Alfredense, conselho paroquial, festa junina, etc.

PAIS

Os pais de um modo geral este ano, tiveram uma boa participação nas assembleias. Alguns pais passam pela EFA para visitar os filhos e saber como está o andamento do mesmo. Alguns passam para pagamento das sessões, outros nunca tiveram na EFA, e outros ainda visitam a escola nas horas de refeições. Temos também pais que são membros do Conselho Administrativo da Escola, no qual participam ativamente.

O Conselho Administrativo funciona através de reuniões e visitas frequentes na EFA. No terceiro sábado de cada dois em dois meses, é feita uma reunião. Quando necessário é feita reunião extraordinária. Neste ano, nas reuniões, foram debatidos vários assuntos, co

mo: Situação de novos conselheiros, recrutamento, assembleia de pais, escolha do representante no conselho geral, possibilidade de complementação do salário da cozinheira, situação financeira, situação da propriedade, festa junina, dinheiro do café, verba da prefeitura, carro, caso da cozinheira, festa da banana e do leite, taxa de alimentação, reforma da casa de monitores e janelas dos prédios, assembleia da UNEFAB, formatura, tese, etc.

Esses assuntos foram debatidos e tomados as possíveis decisões durante o ano de 1984.

ALUNOS

Quanto aos alunos, a EFA abrange várias comunidades dos municípios de: Anchieta, Guarapari e Alfredo Chaves. O número de alunos atualmente é de 37, sendo a maior turma a do 2º ano, num total de 15 alunos. Uma das maiores preocupações da equipe é a evasão de alunos. Não sabemos o principal motivo dessa evasão, mas pelo que notamos é a condição financeira, distância da casa do aluno até a EFA, falta de transporte e também falta de motivação dos pais. A maior parte dos alunos desistentes, são filhos de meeiros e diaristas. As famílias desses alunos são bastante numerosas, e a principal fonte de renda das famílias que trabalham como meeiros são: cereais, banana e café.

A maior parte de nossos alunos são filhos de pequenos proprietários, porém existem meeiros e alguns assalariados.

Nesses últimos anos, a distância entre alunos e EFA, aumentou devido a abertura de ginásios no interior do município. Nesses locais onde há ginásio e algumas comunidades vizinhas, dificilmente conseguimos alunos para a EFA, devido a falta de consciência do povo.

Dentre os alunos que estudaram na Escola da Família Agrícola de Alfredo Chaves, desde 1980 até 1984, encontrou-se as seguintes porcentagens:

Grande Proprietário - 1,9%	Arrendatário	- 0,9%
Médio Proprietário - 7,8%	Assalariado	- 5%
Pequeno proprietário - 59,8%	Diarista	- 5%
Meeiro - 19,6%		